

Carta-Fala proferida em nome do Coletivo Zora na Mesa de Abertura do V Negras Antropologias

Tema da mesa: Ações afirmativas e posicionalidades: de quem é essa luta?

Data: 21 de outubro de 2021.

Ana Clara Damásio

ORCID:0000-0001-7426-7486

Beatriz Martins Moura

ORCID:0000-0001-5585-5354

Flávia de Freitas Cabral

ORCID: 0000-0003-1250-2254

Juliana Silva Chagas

ORCID:0000-0001-7402-6199

José Lidomar Nepomuceno de

Sousa

ORCID:0000-0003-1080-4048

Joyce Souza Lopes

ORCID:0000-0001-7473-4830

Miguel Antônio Filho

ORCID:0000-0002-7846-2526

Vinícius Venancio

ORCID:0000-0003-3245-1204

Boa tarde, pessoal! Meu nome é Ana Clara Damásio. Antes de apresentar os membros da nossa mesa de abertura, é preciso localizar onde nasce essa mesa. Surge de algumas questões que as aqui presentes podem estar familiarizadas ou não, ações afirmativas e posicionalidades. Em 2012, foi aprovada a Lei Federal nº 12.771 (Lei de Cotas), que garante a reserva de vagas para pretos, pardos, indígenas, alunos que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas e para aqueles de baixa renda, e ano que vem faremos dez anos da implementação das ações afirmativas. Ao mesmo tempo, vemos na Antropologia brasileira (através de alguns sujeitos) uma ânsia em pensar os produtores de conhecimento. A última parte do nome da mesa surge com uma pergunta: de quem é essa luta?

Ela é competência apenas das estu-

-dantes negras dos departamentos? É uma luta dos professores dos departamentos? Essa é uma luta da sociedade em um sentido mais amplo? Se é uma luta, a questão que pode ser colocada é: ela ainda está sendo travada majoritariamente por pessoas negras? Todas as perguntas e respostas dizem muito sobre a academia em que vivemos, sobre o lugar dos produtores de conhecimento na Antropologia brasileira, sobre as hegemonias internas. Se os departamentos de Antropologia no Brasil se colocam como antirracistas, eles o são, de fato? O nosso apontamento ainda é de que não. Quantos departamento de Antropologia no Brasil possuem professores negros e indígenas em quantidade expressiva e equânime? E quantos departamentos apresentam seus quadros docentes com professores majoritariamente brancos, e isso não é sinônimo de vergonha? Se anos atrás escutávamos que não havia

antropólogos negros nas ementas, e as mesmas eram tão brancas, hoje sabemos que isso era uma falácia. O nome do coletivo Zora prova isso.

Hoje, falamos de outras falácias: a dos aliados, a do antirracista para o público ver, a de que, talvez, não tenhamos antropólogos negros qualificados para ocupar vagas nos departamentos. Ou dos mesmos departamentos que não querem implementar, de fato, as cotas também para docentes nos seus concursos públicos. Do que adianta ler Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins, Abdias do Nascimento e Zora Hurston se ao menor sinal de tensão sobre as ações afirmativas docentes acionam as mais sólidas imagens de controle racistas? Dito isso, é tempo de repensar as ações afirmativas, posicionalidades e apontar de quem é essa luta. E a que vos fala aqui, não é uma mulher raivosa ou qualquer argumento esdrúxulo que possa ser usado após essa fala; a que vos fala é uma mulher cansada como tantas outras nesse cenário descrito até aqui.

Antes de apresentar as integrantes da nossa mesa, gostaria, primeiramente, de agradecer imensamente as presenças e afirmar que é um prazer imenso recebê-las aqui, recebê-los aqui, e todo mundo que resolveu acompanhar a mesa de Abertura do V Negras Antropologias. Lembrando que amanhã teremos as apresentações dos trabalhos no GT intitulado “O lixo vai falar e numa boa: negras insurgências frente ao epistemicídio e o pacto narcísico da branquitude na Antropologia brasileira”. Na manhã, das 9 horas às 11 horas, e à tarde, das 14 horas às 16 horas, nessa mesma plataforma. Conforme surjam questões ao longo das falas, podem encaminhar as mesmas para o *chat* do bate-papo, que, ao final das falas, abriremos para o debate.

•pós

Vamos às apresentações das conferências!